

O TRABALHO COM MITOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: UMA PERSPECTIVA PARA LEITURA E ANÁLISE DA OBRA *OS LUSÍADAS*¹

Poliana Alves de Araújo²

Graduanda em Letras-Português/IFSP-Campus São Paulo

RESUMO:

Este artigo se propõe a investigar como o trabalho com a mitologia pode incentivar o contato dos discentes de Ensino Médio com obras da Literatura Clássica. Para realizar semelhante tarefa, o ponto de partida será estabelecer um conceito de Mito, de acordo com as teorias de Juno de Souza Brandão e Mircea Eliade. Em seguida, procura-se relacionar a questão do Mito com o ensino de Literatura, abordando-se as concepções de Paulo Freire sobre a educação e as de Volochínov sobre a formação de valores na Literatura. Por fim, conceitua-se o gênero épico para proceder à análise das duas personagens mitológicas que estabelecem diálogo com a personagem histórico-mitológica Vasco da Gama na obra de Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*: o gigante Adamastor e a deusa *Tethys*.

Palavras-chave: Ensino. Literatura. Personagens. Mito. *Os Lusíadas*.

Introdução

O objetivo do presente artigo é investigar formas de trabalhar os textos épicos em turmas de Ensino Médio, aproximando-os dos discentes, por meio de um enfoque mais destacado em duas personagens da mitologia: o Gigante Adamastor e a deusa *Tethys*. Elas foram escolhidas porque ambas dialogam diretamente com Vasco da Gama, o herói-narrador-personagem-figura histórica. Dessa maneira, buscar-se-á demonstrar que o destaque da parte mitológica nas aulas torna mais estimulante à leitura dos clássicos, graças à expressividade que os mitos irão transmitir aos leitores da obra.

Esta não é uma ideia recente, já que até mesmo Frey Bertholameu Ferreira, o censor do santo ofício que examinou e aprovou os originais de Camões para a publicação, justificou a presença de deuses pagãos como aspecto estético, ornamento poético que em nada comprometia a ideologia imperialista católica portuguesa, mas que demonstrava engenho e erudição, atraindo os leitores.

¹ Orientação da Prof^a. Dr^a. Carla Cristina Fernandes Souto, projeto de Iniciação Científica/IFSP-Campus São Paulo.

² Endereço eletrônico: poliana_araujo095@hotmail.com

Vi por mandado da santa & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia & Europa, e não achei nelles cousa algũa escandalosa nem contrária â fe & bõs costumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da nauegação & entrada dos Portugueses na India, usa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretende mais que ornar o estilo Poetico não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal, & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui. Frey Bertholameu Ferreira. (CAMÕES, 1979, p. 25)

Com o intuito de discutir a obra de Camões na perspectiva mitológica, é preciso estabelecer uma definição do termo. Para Brandão (2004), definir mito não é uma tarefa fácil, pois esta palavra tem múltiplos significados, uma vez que tenta definir coisas, não palavras.

Na tentativa de conceituar o mito, que o mesmo não tem aqui a conotação usual de fábula, lenda, invenção, ficção, mas a acepção que lhe atribuíam e ainda atribuem as sociedades arcaicas, as impropriamente denominadas culturas primitivas, onde o mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais. (BRANDÃO, 2004, p. 35)

E é através de acontecimentos ocorridos no passado longínquo, em sociedades antigas, que o mito irá nascer. Assim, tal crença transcende para outros tempos, para outras sociedades, como forma de erudição em relação ao modelo. Por isso, a seguir serão estabelecidas as relações entre mitologia e ensino de literatura.

Trazer estes textos para a vivência do aluno é estimular a compreensão da relação entre o contexto histórico de produção dos textos lidos e a sua realidade contemporânea. Portanto, a ideia é analisar o mito do gigante Adamastor e sua relação com a deusa Thetis, no Canto V, bem como as aparições da deusa *Tethys*, nos Cantos IX e X, para aproximar o texto épico do contexto atual, de forma que os alunos se

interessem e se sintam mais motivados para a leitura do clássico *Os Lusíadas*, de Luís de Camões.

Mito

Definir o termo mito é uma tarefa muito difícil, visto que, para cada teórico, o mito descreve-se e classifica-se de uma forma, tal como para as sociedades arcaicas e tradicionais.

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. [...]. (ELIADE, 1972, p. 9)

Desse modo, o mito refere-se ao mundo real, coisas deste mundo real que vieram a existir por meio do divino/sobrenatural. Por serem narrativas de “princípio” do mundo, o mito serve como “modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas” (ELIADE, 1972, p. 9). Segundo Eliade, a Mitologia é um campo de estudo com um objeto muito específico, o mito ou um conjunto de mitos. E é por meio dos mitos que a mitologia irá explicar e compreender fenômenos ou questionamentos humanos como: a criação do mundo, fenômenos naturais, assuntos que não são explicados tão facilmente e que se manifestam de formas diferentes em culturas diferentes. Os termos **mito** e **mitologia** estão frequentemente associados a sociedades antigas, como romana, egípcia, persa, nórdica, mas principalmente à grega, pois a Grécia foi uma das grandes civilizações usadas como referência para a construção do mundo clássico e moderno.

Na Grécia Antiga, os mitos serão comumente empregados como uma manifestação religiosa, uma vez que, para os gregos, a vida e os deuses estão intimamente ligados. A religião grega admitia a crença em vários deuses, o politeísmo,

sistema que será fortemente combatido com o crescimento da dominação da religião católica, que é monoteísta.

Para o *homo religiosus*, o essencial precede a existência. Isso é verdadeiro tanto para o homem das sociedades “primitivas” e orientais como para o judeu, o cristão e o muçumano. O homem é como é hoje porque uma série de eventos teve lugar *ab origine*. Os mitos contam-lhe esses eventos e, ao fazê-lo, explicam-lhe como e por que foi constituído dessa maneira. Para o *homo religiosus*, a existência real, autêntica, começa no momento em que ele recebe a comunicação dessa história primordial e aceita as suas consequências. É sempre uma história divina, pois os personagens são os Entes Sobrenaturais e os Ancestrais míticos. Um exemplo: o homem é mortal porque um Ancestral mítico perdeu, estupidamente, a imortalidade, ou porque um Ente Sobrenatural decidiu privá-lo da imortalidade ou porque, após um determinado evento mítico, ele se encontrou dotado simultaneamente de sexualidade e mortalidade, etc. (ELIADE, 1972, p. 68)

E, dessa maneira, o mito se transforma e não desaparece ao longo dos anos, passando de geração a geração, pois não se compreendem várias passagens da história e o mito, de certa forma, preenche as lacunas da incompreensão humana. Porém, nunca esquecendo que, apesar de toda a humanidade fazer parte desta – que pode ser nomeada de história geral, cada povo tem sua cultura e história, como indica Eliade (1972, p. 34): “O ‘Mundo’, portanto, é sempre o mundo que se conhece e no qual se vive; ele difere de um tipo de cultura para outro; existe, por conseguinte, um número considerável de ‘Mundos’”.

Mito e ensino de Literatura

Quando se entra em uma sala de aula de Ensino Médio, mais especificamente nas aulas de Literatura, ouve-se que alguns alunos não gostam de Literatura e que consideram as leituras chatas, tendo como consequência o desinteresse pelas aulas. Nesse sentido, o docente sempre deve trazer os conteúdos para a vivência do estudante, a fim de que o discente possa contextualizar e dar significado ao conteúdo estudado, ou seja, construir uma educação humanista. E é assim que se torna interessante ser introduzido um texto clássico como *Os Lusíadas* para os alunos.

A obra prima de Luís de Camões é a grande epopeia do período clássico, tanto por sua concepção artística como por seu valor cultural, por isso se constituindo de grande importância apresentá-la em sala de aula e fazer os discentes perceberem todos os caminhos, as críticas e momentos históricos dentro da obra, posto que o texto épico está repleto de subentendidos. Como aponta Volochínov (2013, p. 88),

na literatura são importantes acima de tudo os valores subentendidos. Se pode dizer que uma obra artística é um potente condensador de valorações sociais não expressadas: cada palavra está impregnada delas. São justamente essas valorações sociais as que organizam a forma artística enquanto sua expressão imediata. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 88)

Nesse ponto, destacamos que a grande obra literária está repleta de críticas e sua relação social-temporal, ou, para melhor dizer, atemporal, transcende seu tempo e sua sociedade pré-determinada. E pode-se dizer que um dos papéis principais da literatura é presentificar de forma condensada o mundo real, cotidiano e sob a ótica minuciosa do leitor detectar sentidos presentes na obra.

Porém, esse *continuum* está comprometido e muitas vezes conduzido de forma questionável por parte dos docentes, pois gostar de literatura pressupõe entendê-la. Em muitas escolas, ou em muitas aulas de literatura, opta-se por usar o texto fragmentado, o texto traduzido para uma linguagem mais fácil, ou até mesmo por não se usar o texto, e isso é uma ferramenta “encontrada” para estudar o clássico. Infelizmente, esse método não é estudar o clássico, e sim destituí-lo da sua complexidade e importância.

Mesmo com um distanciamento entre a realidade e a vivência, entre o discente e a obra, é necessário que se tenha contato com o texto integral, já que nenhum recorte se dá sem consequências para o entendimento, todo texto é um compacto de contextos, informações e valores subentendidos.

O que pode e deve ser mudado é o modo de se trabalhar com o texto, não com a modificação da sua estrutura ou da sua sintaxe para torná-lo mais fácil, não em um primeiro momento ou contato, mas sim, demonstrando os valores humanos presentes no texto e atualizando-os ao contexto do aluno.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar que a literatura é aprendizagem histórica humanizante, pois integra de forma atemporal as relações humanas-sociais-históricas-

culturais, sendo por meio dela que o discente poderá, via ficção, construir e internalizar diversos conhecimentos, ter um olhar de interdiscursividade entre os conteúdos abordados na escola. Freire (2002, p. 24) salienta que

a questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isso que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo. (FREIRE, 2002, p. 24)

Nesse ponto, como demonstra Paulo Freire (2002), é fundamental o entendimento de que é direito do aluno apropriar-se da cultura e integrar o conhecimento abstrato que é ensinado na escola para construir seu conhecimento diário. Assim, trazer a literatura clássica, o gênero épico, para a realidade do discente é estabelecer um ensino de literatura eficaz e significativo.

Há também de se observar que a Literatura é um campo de estudo muito amplo, mas ao mesmo tempo muito específico. Trazer os textos épicos de grande peso e importância mundial para o contexto de sala de aula é uma tarefa complexa, pois envolve lidar com discentes adolescentes e trabalhar com textos para com os quais eles já têm certo preconceito e/ou distanciamento.

Chiappini (2005, p. 244) explica que

podemos definir literatura como tudo o que é escrito, ou seja, qualquer texto escrito caberia na concepção ampla do conceito. Mas podemos delimitar mais e conceber literatura apenas como sendo aqueles textos concebidos com intenção artística, supondo que não há literatura sem um trabalho específico com as palavras. Pode-se também definir literatura como uma instituição nacional (literatura brasileira, literatura alemã, literatura francesa etc.). Ou, ainda, regional: literatura latino-americana, literatura europeia, dentre outras. Nesse sentido, a literatura é concebível como um sistema, pelo qual autores, obras e leitores se inter-relacionam. (CHIAPPINI, 2005, p. 244)

E é nesta forma de modelo que o mito se insere na literatura, trazendo respostas, complementando a história do homem, uma vez que a literatura é a ficção entrelaçada em um contexto, em um tempo e em uma sociedade. O discurso literário irá sintetizar o

cotidiano e transcender seu espectador-leitor, tendo como uma de suas ferramentas o mito.

As epopeias de Homero são consideradas o berço para toda a literatura Ocidental, trazendo as obras *Odisseia* e *Ilíada* todo o referencial de ideologia, herói, história e principalmente de mitos. As grandes obras literárias irão comumente ter uma relação de interdiscursividade. Assim, os autores de um determinado contexto fatalmente farão referências a autores de contextos precedentes, ainda que seja para contrapor ideias – desde Homero já citado, Hesíodo, Virgílio, Ovídio, Petrônio, chegando a Dante, Goethe, Camões, entre outros grandes autores.

A literatura é, portanto, uma história particular dentro de uma história coletiva em que se integram tema, contexto e estética, numa forma particular de escrita, o que torna determinadas obras atemporais e de interesse universal. Chiappini (2005, p. 247) esclarece que,

quando valorizamos a dimensão histórica das obras literárias, concebemos o texto como imagem de uma realidade móvel que representa a realidade. No entanto, ele oculta uma realidade em processo. A obra está na história e a história, na obra, que, ao mesmo tempo, faz história a sua maneira. Isso significa que podemos representar a realidade como dinâmica e a história como uma dimensão inerente aos seres e aos fenômenos culturais, todos históricos. Resumindo, precisamos considerar sempre a historicidade das obras e dos seres, se queremos tentar compreendê-los. (CHIAPPINI, 2005, p. 247)

Ou seja, a literatura é um grande condensador de contextos, contextos estes que intimamente nos afetam até hoje e por meio dos quais histórias ficcionais retratam a construção do mundo, suas mazelas, suas tecnologias, entre outros. Nesse aspecto, o homem é um sujeito histórico e este tem o dever de se apropriar de sua história, como propõe Freire (2016, p. 9): “o homem como um ser no mundo com o mundo” e isso consiste em estar aberto ao mundo, captá-lo e compreendê-lo, e um dos meios é através da literatura, do épico, do lírico, da comédia, do drama.

Felizmente, a divulgação da literatura se expandiu. E ter contato com a literatura, com a boa literatura, se tornou de fácil acesso, principalmente com os novos suportes como os “e-readers” e com a internet. Entretanto, maior difusão não significa aumento

do número de leitores, uma vez que os clássicos são mais complexos e muitos leitores preferem uma leitura “facilitada”.

O Gênero Épico: *Os Lusíadas*

O gênero épico é umas das formas mais antigas de composição artístico-literária, já que ela retrata o herói. Este gênero tem como característica ser mais objetivo (se colocado em comparação com o gênero lírico), o mundo é mais objetivo apesar de se tratar naturalmente de ficção, suas paisagens, cidades, heróis, personagens são, de certa forma, independentes da subjetividade do narrador.

A epopeia nasce na Antiguidade clássica com uma “necessidade” de um EU narrar a história de seu ou de outro povo, nação. A palavra **epopeia** tem origem no grego *epoioia* que significa *epos* – versos heroicos e *poiein* – fazer. O gênero acaba caindo em desuso durante alguns períodos e recupera seu uso com o Renascimento, como será feito em *Os Lusíadas*. Abdala Junior (1993, p. 18) explica que

a epopeia, como outras formas literárias da Antiguidade clássica, foi recuperada pelo Renascimento europeu. Só que, ao contrário dos textos líricos que dependiam mais do sentimento do poeta sobre assuntos cotidianos, a epopeia precisava de um grande tema ligado à história da civilização ou à história de um povo: o herói da epopeia representa não apenas o indivíduo singular, mas sobretudo o heroísmo de todo um povo; mais do que o herói individual, o herói coletivo. (ABDALA JUNIOR, 1993, p. 18)

Em *Os Lusíadas*, para demonstrar toda a grandeza de seu povo – os portugueses, o autor atribui sua origem ao “mito da descendência dos deuses”, demonstrando que não são homens comuns, que são homens que descendem dos deuses. Atribui-se a fundação da capital de Portugal, Lisboa, a dois mitos, sempre ligados a entes sobrenaturais. O primeiro mito indica que Luso, filho do deus Baco, teria fundado a Lusitânia, tornando os portugueses descendentes de um deus. Assim como os romanos eram descendentes de Enéas, que era filho de Vênus, na *Eneida*, de Virgílio. Além do mito de Rômulo e Remo, descendentes maternos de Enéas, mas filhos do próprio deus Marte.

O segundo mito traz como fundador o próprio Ulisses, personagem da *Odisseia*, de Homero, que, em sua viagem posterior ao regresso a Ítaca, teria passado onde se

localiza Lisboa atualmente e fundado Olissipona. Este mesmo mito é também descrito pelo famoso poeta português Fernando Pessoa em seu poema “Ulisses”, da obra *Mensagem*, como podemos observar nos seguintes versos:

ULISSES

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo —
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escreve
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.
(PESSOA, 1992, p. 27)

E é através desses dois mitos de fundação que o leitor de *Os Lusíadas* terá uma aproximação de sua história como sujeito em relação àquele lugar, no caso a cidade de Lisboa, em Portugal. Conforme relata Berardinelli (2000, p. 19), seja pela estrutura do poema, seja pela engenhosidade poética do autor; há “toda uma reflexão sobre a vida, sobre a história, sobre o autor e o poema. É essa a sua outra forma de inovar. E isso faz o Poeta nos excursos”.

Camões, em *Os Lusíadas*, faz uso desta inovação, pois sabemos que há um distanciamento de séculos e cultura em relação aos dias atuais, porém a importância da obra e do autor não se perderam com o tempo – umas das características marcantes do texto é a coexistência dos mitos com a religião católica, representada pela Divina Providência.

Aqui, ressaltamos que a literatura irá fazer uso do mito como um campo fecundo do imaginário, uma forma de dar respostas a questões que a razão humana não pode compreender, como é o caso da epopeia escolhida neste estudo. Por esses mitos, então, que se podem aproximar os discentes e o texto épico.

Nesse aspecto, Guimarães (2006, p. 17) reitera que,

para compreender a epopeia de Camões, é preciso, em primeiro lugar, saber o que ela representa no contexto de sua época. Esse negócio de ficar repetindo que *Os Lusíadas* marcam a fixação definitiva de nosso idioma, e que é, para o português, o que a *Divina Comédia* é para o italiano, isso tudo é muito erudito. O que se tem de fazer, logo de início, é recolocar *Os Lusíadas* em seu contexto histórico. Na realidade, o poema de Camões representa um momento essencial da história da humanidade. (GUIMARÃES, 2006, p. 17)

Desse modo, a obra épica *Os Lusíadas* está localizada no contexto do imperialismo português, em que há uma grande expansão da dominação lusitana para outras terras e continentes através das viagens marítimas, pois os portugueses foram grandes descobridores e invasores neste período. Os marinheiros desta nação exploram a costa africana, a Índia e chegam ao Brasil, isso em decorrência de ser um povo ligado ao comércio e às riquezas exteriores. E este é um dos períodos mais importantes para a história de Portugal, uma vez que é, através dele, que está a “explicação” para a grandiosidade e a importância dos portugueses para a constituição do mundo como é conhecido hoje.

Como apontado por Guimarães (2006), grande parte da importância do texto está em seu momento histórico, em sua contribuição cultural. Contudo, a abordagem de muitos docentes começa a apresentar a obra sob o olhar da estrutura formal do texto ou da construção sintática utilizada pelo autor, o que, em geral, distancia o aluno do texto épico. O mito seria um instrumento para o docente poder, de forma mais lúdica, aproximar aluno e clássico. Somente em um segundo passo se daria a análise mais formal, como bem salienta Guimarães (2006, p. 17):

Traduzir a epopeia para uma linguagem simples, ilustrando inteligentemente as cenas da mitologia, explicando, com recursos visuais, as complicadas linhagens dos semideuses e heróis pagãos, reproduzindo mapas e trajes da época. Todo mundo poderia apreciar a substância da obra, o palavreado opaco ficaria transparente, ninguém mais se atrapalharia com os apelidos das ninfas e dos promontórios. A força do enredo despertaria, com certeza, a curiosidade do leitor, para a excelsa perfeição da forma no verso original. (GUIMARÃES, 2006, p. 17)

Com isso, através deste olhar mais ilustrativo para com as cenas da mitologia presentes na obra, poderá ser desenvolvido nos discentes um interesse na perspectiva de intertextualidade com as novas formas de entretenimento, como filmes ou séries que trazem a mesma temática – Mitologia. Há entre os adolescentes, nesse sentido, uma grande procura por esse tipo de temática. Filmes com histórias mitológicas trazem de forma simples todo o contexto complexo das linhagens dos deuses ou semideuses, aproximando os estudantes deste campo de estudos. Eles costumam pesquisar por conta própria para desvendar dúvidas e até mesmo para falar sobre “erros” cometidos pelas adaptações. Por isso, consideramos mais adequado que o épico deva chegar ao discente dessa forma, levando em consideração a temática e o contexto histórico em primeiro plano para depois levar a termo uma análise formal e estilística.

Gigante Adamastor e deusa *Tethys*

Para fazer a aproximação entre os discentes e o texto épico de *Os Lusíadas*, utilizamos primeiramente a personagem mitológica Gigante Adamastor, pois o sofrimento por amor desta personagem a humaniza, tornando-a mais interessante para os leitores.

Há dois grandes mitos referentes a Adamastor, o primeiro é que ele foi um dos Titãs que se rebelaram contra Júpiter, mas acaba sendo vencido pelo deus, tendo sido por este castigado e transformado em rochedo; o segundo mito é o do amor não correspondido pela deusa Thetis, por quem Adamastor se apaixona.

Não há muita precisão na nomeação de todos os Titãs. Na *Teogonia*, Hesíodo os apresenta como irmãos de Saturno, gerados pela emasculação do Céu, seu pai, que fecundou a terra:

E do pai o pênis ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo para trás. Mas nada inerte escapou da mão: quantos salpicos respingaram sanguíneos a todos recebeu-os a Terra; com o girar do ano gerou as Eríneas duras, os grandes Gigantes rútilos nas armas, com longas lanças nas mãos, e Ninfas chamadas freixos sobre a terra infinita. (...) O pai com o apelido de Titãs apelidou-os: o grande Céu vituperando os filhos que gerou dizia terem feito, na altiva estultícia, grã obra de que castigo teriam no porvir. (HESÍODO, 2006, p. 112-113)

Esses gigantes, unidos a Saturno, se rebelaram contra Júpiter e foram por ele castigados das mais diversas maneiras, sendo uma delas a transformação em uma montanha. Massaud Moisés assinala que:

Este episódio, de capital importância no conjunto d’*Os Lusíadas*, encerra um mito cuja procedência se perde nas trevas da própria história. (...). Em verdade, “a transformação de um Titã em promontório igualmente na Mitologia tinha sua origem. É lembrar o Atlas, gigante filho de Júpiter e Clímene encarregado de sustentar o céu sobre os ombros e que um dia foi convertido em monte, ao ver a cabeça da Medusa. (...)”. E Sidônio Polinar (séc V d.C.) foi o primeiro que deu o nome de Adamastor a um gigante (José Maria Rodrigues, nota a *Os Lusíadas*, Lisboa, Imprensa Nacional [1931], pp. CXLIV-CXLV). (MOISÉS, 1998, p.104)

O segundo mito envolvendo Adamastor é o do amor deste não correspondido pela deusa Thetis. Adamastor conhece Thetis e faz de tudo para conquistá-la, mas ela recusa o seu amor. Assim, Adamastor pede ajuda para a mãe da deusa, Dóris, que finge ajudá-lo, mas na verdade está formando um plano para enganá-lo e afastar a filha dele. Adamastor, acreditando em um encontro com Thetis, no momento em que se aproxima para abraçá-la e beijá-la, cai em uma armadilha e está, na verdade, agarrando um cume de um monte, acabando por se tornar parte deste, dando vida à lenda do Cabo das Tormentas. Brandão (2004, p. 26) explica que “a mitologia grega chegou até nós através da poesia, da arte figurativa e da literatura erudita, ou seja, documentos de cunho ‘profano’”, se bem que *profano* aqui no caso deva ser tomado em sentido muito *lato*, uma vez que poesia, arte figurativa e literatura erudita tiveram por suporte o mito.

Como exposto por Brandão (2004), a literatura clássica tem como ferramenta o mito, tal como podemos observar no caso do gigante Adamastor, usa-se o mito para “justificar” o ambiente hostil do Cabo das Tormentas. A apresentação da personagem inicia-se com a descrição de um monstro horrível, no canto V d’ *Os Lusíadas*:

39
Não acabava, quando uã figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,

A boca negra, os dentes amarelos.
(CAMÕES, 1979, p. 197)

No trecho acima destacado, observa-se a personificação do Cabo das Tormentas ou do Cabo da Boa Esperança. Este local teve um especial significado para os marinheiros durante muitos séculos, em decorrência de muitas tempestades que causavam naufrágios e impediam a navegação além deste ponto. Por isso, criou-se o mito de um gigante habitar este local, impedindo a passagem dos navios.

Camões dá vida ao mito justificando a ferocidade do gigante em virtude do amor não correspondido. Adamastor faz com que os marinheiros sintam o tormento de seu amor desiludido através de tempestades que castigam e afundam as embarcações. Por meio deste mito de não correspondência amorosa, o docente pode aproximar o texto épico do mundo dos discentes, contextualizando-o. Enredos como este despertam o interesse dos discentes, uma vez que de uma forma ou de outra se aproximam de sua realidade, de sua vivência.

Também é interessante ressaltar que enfrentar a fúria de um Titã soa melhor como aventura heroica do que lidar com o mau tempo neste ponto geográfico, assunto que os alunos poderão associar aos conteúdos abordados em outras disciplinas.

Os portugueses, para prosseguirem na sua empresa marítima, foram convertidos em heróis que, tal qual Ulisses, derrotaram um gigante. Por outro lado, o grande feito de Vasco da Gama para enfrentar tamanho monstro apenas foi interrompê-lo quando este fazia profecias:

49
Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos Fados, quando, alçado,
Lhe disse eu: - “Quem és tu? Que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado!”
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:
(CAMÕES, 1979, p. 200)

Desta forma, em vez de prosseguir contando o futuro dos portugueses, o gigante se distrai com sua própria história de amor, revivendo a mágoa eterna de ter sido

rejeitado pela deusa Thetis, tornando-se inofensivo, a tempestade se desfaz e os marinheiros podem seguir viagem.

Outro aspecto importante é sinalizar que Vasco da Gama recorre sempre às orações, tanto no momento que antecede o aparecimento de Adamastor quanto no momento em que este some, ressaltando a ideia do cristianismo e da justificação do imperialismo pela religião católica dos reis de Portugal.

38

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo.
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
— “Ó Potestade — disse — sublimada,
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?”
CAMÕES, 1979, p. 197)

60

Assi contava; e c’um medonho choro
Súbito d’ ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c’um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos que Adamastor contou futuros.
(CAMÕES, 1979, p. 203)

Além do Gigante Adamastor e sua história de amor não correspondido, há também a problemática criada por Camões ao citar duas deusas com nomes muito parecidos e com parentesco: a deusa Thetis (neta), pela qual Adamastor se apaixona e a deusa *Tethys* (avó), que dialoga com Vasco da Gama nos cantos IX e X. A presença dessas duas deusas gera um complicador para o entendimento da história épica, pois, em princípio, não há diferença na grafia das duas deusas na obra. O problema só se soluciona quando se busca no grego a grafia de cada uma.

A primeira deusa que surge na obra é Thetis, [gr. Θέτις]. Ela é uma das Nereidas, filha de Nereu e de Dóris. Portanto, é uma divindade marinha. Segundo Ovídio, nas *Metamorfoses* (2003, p. 227-228), há uma profecia de que Júpiter seria suplantado por um filho com Thetis. Por isso, o pai dos deuses manda que seu neto

Peleu, filho de Eaco, a conquistou. Peleu é rejeitado pela deusa, que possuía o dom de se transformar no que quisesse, mas consegue dominá-la com um estratagema ensinado por Proteu, tornando-se pai do herói Aquiles.

A aparição de Thetis, deusa das águas, amada de Adamastor, no canto V, é uma cena de grande impacto:

52

— Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa;
Todas as Deusas desprezei do céu,
Só por amar das águas a princesa;
Um dia a vi co'as filhas de Nereu,
Sair nua na praia, e logo presa
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.
(CAMÕES, 1979, p. 200)

53

— Como fosse impossível alcançá-la
Pela grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la,
E a Dóris este caso manifesto.
De medo a Deusa então por mi lhe fala;
Mas ela, c'um fermoso riso honesto,
Respondeu: — Qual será o amor bastante
De Ninfa, que sustente o dum Gigante?
(CAMÕES, 1979, p. 201)

Neste trecho, é apresentada Thetis e o motivo pelo qual Adamastor se apaixona. Ela é uma deusa muito atraente e desperta a paixão imediata do gigante. Com isso, pode-se dialogar com os discentes adolescentes sobre essa fase da vida em que ocorrem várias decepções amorosas e paixões fulminantes para somente depois entrar no mérito das questões de versificação e estilo de composição do poema.

A segunda deusa que aparece na obra para dialogar com Vasco da gama é *Tethys*, [gr. Τηθύς], líder das ninfas na Ilha dos Amores (Cantos IX e X), local onde Vasco da Gama e sua tripulação param para uma premiação pela viagem de conquista. Avó da Thetis, adorada por Adamastor, é uma das divindades primordiais na *Teogonia* helênica escrita por Hesíodo. É a personificação da fecundidade feminina do mar. Nasce dos amores entre a Terra e o Céu, sendo a mais jovem das titânides e irmã de Saturno

(Cronos). Seu esposo é o seu irmão, Oceano, com quem teve mais de três mil filhos, que são todos os rios do mundo.

Terra primeiro pariu igual a si mesma
Céu constelado, para cercá-la toda ao redor (...)
E pariu a infecunda planície impetuosa de ondas
O Mar, sem o desejoso amor. Depois pariu
Do coito com Céu: Oceano de fundos remoinhos (...)
E Febe de áurea coroa e Tétis amorosa.
E após com ótimas armas Crono de curvo pensar,
Filho o mais terrível: detestou o florescente pai.
(HESÍODO, 2006, p. 109)

Uma semelhança entre a Thetis (neta) e a *Tethys* (avó) é que a segunda personagem também está relacionada à temática amorosa. A diferença é que seria um amor correspondido, pois ela, incitada pela deusa Vênus e pelas flechadas do Cupido, proporciona o envolvimento dos portugueses, heróis do mar, com as demais ninfas, liderando uma espécie de caçada em que o prêmio é o colóquio amoroso. As ninfas se deixam perseguir e ser apanhadas uma a uma pelos marinheiros.

70
Sigamos estas Deusas, e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras!”
Isto dito, velozes mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

71
Dũa os cabelos de ouro o vento leva,
Correndo, e da outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alves carnes súbito mostradas;
Ûa de indústria cai, e já releva,
Com mostras mais macias que indinadas,
Que, sobre ela empecendo, também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.
(CAMÕES, 1979, p. 336)

72
Outros, por outra parte, vão topar
Com as Deusas despidas que se lavam;
Elas começam súbito a gritar,

Como que assalto tal não esperavam;
Ūas fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando;
(CAMÕES, 1979, p. 337)

Para os estudantes do Ensino Médio, este é um dos cantos mais esperados e divertidos de discutir nas aulas, já que a adolescência também é uma fase de descobertas e transformações do próprio corpo, além de paixões fulminantes.

Nas estrofes destacadas, é possível observar a concepção do próprio português em relação a si mesmo como nação. Já na construção da estrutura da obra, *Tethys* e a passagem pela Ilha dos Amores representam a recompensa alegórica dos portugueses pelos seus feitos, como pode ser visto nesta estrofe do canto IX:

89
Que as Ninfas do Oceano tão formosas,
Tétis e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroadada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha.
(CAMÕES, 1979, p. 343)

No Canto IX, há a relação de recompensa, e esta é divina, pois o povo português é grande e glorioso tais quais as divindades. Em decorrência dessa parada estratégica na Ilha dos Amores, no Canto X, *Tethys* irá mostrar a Vasco da Gama as profecias e o futuro glorioso a que faz jus o povo português. Isto é possível, já que Camões está recontando a história no reinado de D. Sebastião, monarca ao qual dedica o poema. São mais de setenta estrofes nas quais desfilam as conquistas portuguesas em todos os cantos do mundo, herdadas pelo monarca que acabou morrendo muito jovem, possibilitando que Portugal caísse no domínio da Espanha.

As profecias expostas por *Tethys* no Canto X são de grande importância para o momento histórico no período imperialista e também fundamentais para o discente poder perceber os valores humanos presente nestes trechos, visto que é um momento de

afirmação de glórias e de demonstrar a visão “futurista” e colonialista do povo português para o próprio povo português.

Logo depois das profecias citadas, *Tethys* leva Vasco da Gama para conhecer a “máquina do Mundo”, uma esfera perfeita, espécie de maquete do universo, na qual está contido tudo o que nele existe. Nessa esfera, está tudo o que existe. Em volta dela, Deus. A deusa o adverte de que o entendimento de Deus está além da compreensão humana.

77

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo veem no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.
(CAMÕES, 1979, p. 373)

78

Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a Divina verga
Compôs, e um centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca se ergue ou se abaixa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba, enfim, por divina arte,

79

Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual enfim o arquetipo que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a Deusa: — “O transunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

80

"Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,

Que a tanto o engenho humano não se estende.
(CAMÕES, 1979, p. 374)

Camões adota, na obra, a concepção de universo ptolomaica, segundo a qual a Terra ocuparia o centro do universo, sendo envolvida por sete esferas celestes, como camadas, cada uma correspondendo a um dos sete planetas até então conhecidos. O paraíso celeste, ou empíreo, estaria localizado na sétima esfera, a mais luminosa e próxima de Deus. A concepção de universo ptolomaico, com a Terra no centro, é a mesma adotada por Dante Alighieri na *Divina Comédia*, demonstrando um conhecimento bastante preciso da cosmogonia da época, ainda sem as concepções de Copérnico e do sistema heliocêntrico.

A leitura do canto também é importante para salientar a ideia do imperialismo católico de que os deuses pagãos servem apenas para ilustrar e adornar a poesia, não devendo ser considerados em seu teor religioso, como salienta o poeta pela boca da própria deusa:

82
Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter e Juno, fomos fabulosos
Fingidos de mortal e cego engano.
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.
(CAMÕES, 1979, p. 375)

O Canto X proporciona ao docente a oportunidade de discutir o momento histórico em que a concepção teocêntrica do mundo começa a ceder espaço para uma visão heliocêntrica, o que vai gerar conflitos e cisões religiosas, enfim, vai mudar o mapa político e social do planeta. Camões é um autor de um momento de transição, classificado até mesmo como maneirista, por antecipar o Barroco e as angústias que o acompanham.

Conclusão

O presente trabalho trouxe um viés de aproximar o discente de Ensino Médio dos clássicos da literatura através da mitologia, por causa da atração que continuam exercendo nas pessoas, mesmo com o passar dos anos. E também por trabalharem com questões fundamentais dos seres humanos, como o amor não correspondido.

Por meio dos mitos do gigante Adamastor e sua relação com *Tethys* e a problemática envolvendo as deusas com mesmo nome e mesma linhagem, foi proposto um caminho para os docentes trabalharem e gerarem o interesse em seus discentes por esta obra.

O ensino de literatura, em muitos casos, está sendo feito de uma forma que acarreta desinteresse por parte dos discentes e assim a perda de leitores ativos e críticos, tanto para a literatura quanto para o mundo, pois é fundamental estudar literatura e se apropriar do mundo, aprender e ler o mundo, como já nos apontava Freire (2016, p. 9): “o homem como um ser no mundo com o mundo”.

Há aqui uma satisfação, uma vez que, após as ideias serem pautadas por estudos teóricos, foi possível encontrar uma alternativa para desmistificar o ensino padrão das aulas de literatura. Portanto, este trabalho tentou proporcionar um novo olhar para o ensino, tanto para literatura clássica – *Os Lusíadas*, quanto para a forma de perceber o discente, percebê-lo e compreendê-lo como sujeito de seu tempo em conjunto com a sua história.

Referências

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Camões: épica e lírica*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos camonianos*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Cátedra Padre Antônio Vieira, Instituto Camões, 2000.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, vol. 1. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- CHIAPPINI, Ligia. *Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino*. São Paulo: Cortez, 2005.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FREIRE, Paulo. “Papel da educação na humanização”. *Rev. da FAEEBA*, Salvador, nº 7, jan./junho, 1997.

Disponível em: <http://www.uneb.br/revistadafaeaba/files/2011/05/numero7.pdf>. Acesso em: 15.nov.2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GUIMARÃES, Irineu. “Os Lusíadas — de Luís de Camões”. In: SEIXAS, Heloísa (Org.). *As obras primas que poucos leram*. v. 3. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. 6ª. ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1998.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. 14ª. ed. Lisboa: Ática, 1992.

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. 4ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

VICTORIA, Luiz Augusto Pereira. *Dicionário básico de mitologia: Grécia, Roma, Egito*. Ilustrado/ Luiz Augusto Pereira Victoria. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

VOLOCHÍNOV, V. N. A construção da enunciação e Outros ensaios. In: BAHKTIN, M. *A palavra na vida e a palavra na poesia: Introdução ao problema da poética sociológica*. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2013.

TO WORK WITH MYTHOLOGY AT HIGH SCHOOL: A PERSPECTIVE FOR READING AND ANALYSING THE WORK THE LUSIADS

ABSTRACT:

*This paper proposes to investigate how the work with mythology can encourage the contact of the High School students with Classical Literature books. To accomplish such task, the starting point will be to establish the concept of Myth, according to the theories of Junito de Souza Brandão and Mircea Eliade. Then, it seeks to relate the question of the Myth with teaching Literature, approaching the conceptions of Paulo Freire about education, and Volochínov about formation of values on Literature. Lastly, it conceptualizes the epic genre to proceed to the analysis of the two mythological characters that establish dialog with the historical-mythological character of Vasco da Gama in Luis de Camões's, *The Lusiads: the giant Adamastor and goddess Tethys*.*

Key words: *Teaching. Literature. Characters. Myth. The Lusiads*

Enviado: Novembro/2016

Aceito para publicação: Novembro/2016